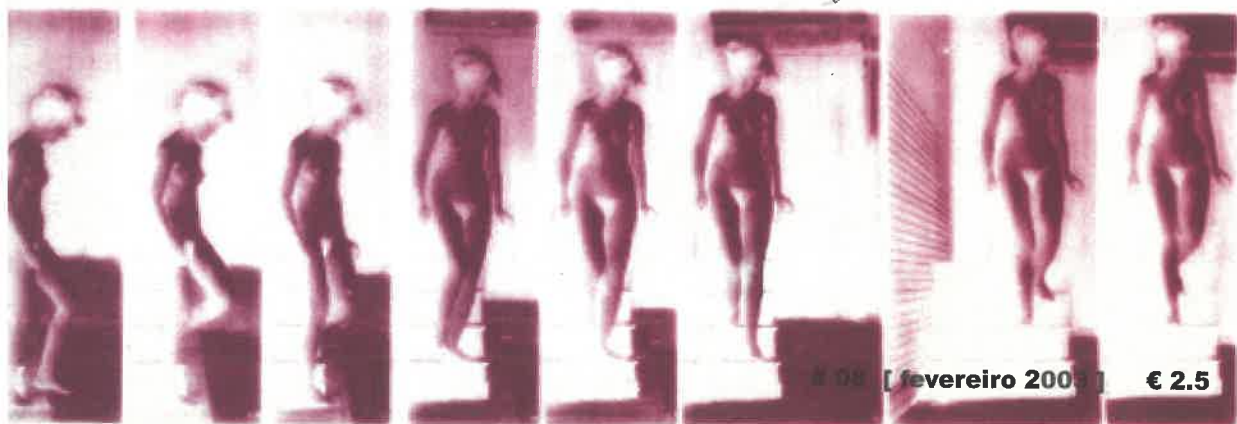




nu



tempo



09 [fevereiro 2003] € 2.5

[ÍNDICE]

[EDITORIAL] UM TÍTULO LONGO PORQUE O TEMPO... P03

PEDRO JORDÃO

PRÁTICAS QUOTIDIANAS ACELERADAS, OU ONDE VIVE KAZUYO SEJIMA? P04

INÊS MOREIRA + YUJI YOSHIMURA

A.S* - ATELIER DE SANTOS P08

A. JOANA COUCEIRO + PEDRO BAÍA

TRANSITORIEDADE E APOLÍTICA P16

GONÇALO FURTADO

ARQUITECTURAS MUTANTES P18

GONÇALO ANTUNES DE AZEVEDO

O INÍCIO P22

JOANA GOUVEIA ALVES

A DURAÇÃO DO ESPAÇO, OU A DANÇA SEGUNDO GONÇALO M. TAVARES P24

PEDRO JORDÃO

[1º ACTO] CASA EM ALDEIA NOVA P26

NELSON MOTA + SUSANA CONSTANTINO

[PROVA FINAL] SOFTWARE: A CONDIÇÃO NATURAL DA CIDADE P30

ANA ABRANTES

[CONTAMINAÇÕES] PINA BAUSCH - DANÇAS OCULTAS P32

MÁRIO CARVALHAL

[CHEESE-HAM FILES] #8 P34

VASCO PINTO

[?] HANS IBELINGS P35

[FICHA TÉCNICA]

DIRECTOR PEDRO JORDÃO **REDACÇÃO** A. JOANÁ COUCEIRO, BRUNO GIL, CARINA SILVA, CARLOS GUIMARÃES, CAROLINA FERREIRA, CAROLINA SANTOS, INÊS DANTAS, JOSÉ BRITES, MÁRIO CARVALHAL, PEDRO BAÍA, PEDRO CANOTILHO, RUI ARISTIDES, VERA PINTO **COLABORADORES** ANA ABRANTES, CÉLIA GOMES, GONÇALO ANTUNES DE AZEVEDO, GONÇALO FURTADO, HANS IBELINGS, INÊS MOREIRA, JOANA GOUVEIA ALVES, NELSON MOTA, PEDRO MACHADO COSTA, SUSANA CONSTANTINO, VASCO PINTO **GRAFISMO** A. JOANA COUCEIRO, BRUNO GIL, EDUARDO NASCIMENTO, PEDRO JORDÃO **EDIÇÃO GRÁFICA** EDUARDO NASCIMENTO

DISTRIBUIÇÃO XM **IMPRESSÃO** IMPRENSA DE COIMBRA, LIMITADA **TIRAGEM** 400 EXEMPLARES **ISSN** 1645-3891 **DEPÓSITO LEGAL** 178647/02

PROPRIEDADE NUDA/AAC - NÚCLEO DE ESTUDANTES DE ARQUITECTURA **CONTACTOS** NU . DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA . FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA . UNIVERSIDADE DE COIMBRA . COLÉGIO DAS ARTES - LARGO D. DINIS . 3000 COIMBRA . TEL [DARQ]: 239 851 350 . FAX [DARQ]: 239 829 220 . E-MAIL: REVISTA_NU@HOTMAIL.COM

Transitoriedade e Apolítica

Gonçalo Furtado *

- Se algo caracteriza a CONTEMPORANEIDADE – em que se tornou imperativo a mobilidade, flexibilidade, informacionalização e globalização – é a sua frenética transitoriedade. A cultura pós-moderna, que vê no *zapping* e no *surfing* a possibilidade de recriação contínua, expressa-se em arquitecturas que rosam a desmaterialização em aparências leves, programas adaptáveis, espaços transitórios para experiências nomádicas. Tal abala as premissas de uma disciplina que sempre foi tida como arte de construir associada à estabilidade, e acarreta uma transformação na ideia de espaço que não pode deixar de mobilizar a crítica arquitectónica.

- Com a industrialização surgiram construções baseadas numa nova lógica estrutural e de materialidade, esqueletos esbeltos e aparências leves-transparentes que, sem forma, habitaram o tempo com um uso mínimo da matéria. Maldonado fala na ocorrência de uma DESMATERIALIZAÇÃO-virtualização do material, resultante, quer da substituição dos materiais tradicionais por outros de menor peso e densidade, como também da artificialização-ocultação dos materiais minimizando a frequência com que os nossos sentidos com eles contactam¹. Hoje, verifica-se que os espaços construídos, do ponto de vista económico e estético, continuam a substituir o objectivo de solidez por outros requisitos (de reutilização), fomentando arquitecturas efémeras, mutantes formalmente e abertas ideologicamente. Já Friedman, nos anos 60, aplicara o termo MOBILIDADE para adjectivar uma arquitectura que fosse capaz de acompanhar a alteração de usos requerida pela sociedade². Mais recentemente, o trabalho artístico de Martha Rosler registou o protagonismo urbano que assumiram as estruturas de trânsito (terminais, aeroportos, redes, etc.), tal como a ambiguidade espacial que essas assumem, periféricas e descontextualizadas, interessadas sim em representar a passagem do tempo, o movimento e a transferência³. Ignasi Solà-Morales lança mesmo a hipótese de uma *Arquitectura Líquida* que controle os FLUXOS, mais consonante com as características da sociedade em que vivemos, abulindo a primazia do espaço sobre o tempo em favor da sua tensão⁴.

Paralelamente, assistimos ainda à formação de um espaço abstracto – o CIBERESPAÇO – em que os aspectos de presença são substituídos pelos de representação-significação. A destabilização preceptiva e a fragmentação física e social, preconizada pelo fenómeno da *viagem* motora e por um século de modernidade fascinada pelo incremento de *velocidade*, prossegue hoje no DESAPARECIMENTO Viriliano⁵. Numa arquitectura que *continuará a existir (...) no estado de desaparecimento*, num novo meta-espaço contíguo em que a arquitectura se desvanece em informação⁶.

- Para além da destabilização do protagonismo material da arquitectura, interessa-nos particularmente observar o significado cultural e político da sua artificialização imagética. Atendamos, neste sentido, uma a outra expressão do pressuposto de mobilidade, que vem sendo a proliferação de *contentores* pela paisagem metropolitana, espaços sem relação forma-função destinados a albergar actividades ligadas à ritualização do consumo e aos novos modos de vida espectacularizada. NÃO-ESPAÇOS que funcionam, mais do que como lugares, como signos em que somos imersos num ritual sem espaço e tempo. O seu protagonismo urbano actual faz-nos questionar se o futuro de uma parte da arquitectura não tenderá para aquilo que Venturi analisou na *Strip* de Las Vegas, um conjunto articulado de signos e linguagem para ser vivido a partir do automóvel⁷. Um*verdadeiro *theme-park*, com o objectivo de seduzir, desorientar e criar um universo paralelo que dirija a experiência para a DESPESA.

- Koolhaas, por exemplo, refere que a estética da arquitectura está a tornar-se numa atmosfera temporária ditada pelos *media*⁸. Mas esta constatação requer que se questione *qual será a fé que espera a arquitectura quando essa (...) se reduzir a um ecrã para publicidade*⁹. Certo é que a cidade se tornou num *evento* que muda de vestimenta constantemente. A fachada pós-moderna libertou-se relativamente à unidade do edifício e ao seu conteúdo, tornando-se numa pele comunicante, lugar de mobilidade¹⁰. E a produção



arquitectónica das estrelas mediáticas é usada em prole da atratividade urbana pela *grande aura que isso gera nos media*¹¹. Em certo sentido, também parece que a arquitectura está a ficar menos definível pela sua materialidade do que pela efemeridade das imagens que circulam nos media¹². O *star system* incita à publicação-MEDIATIZAÇÃO da arquitectura, tornando-a num objecto de consumo visual e conferindo-lhe uma condição espaço-temporal ambígua que a reconstrução do Pavilhão Alemão de Barcelona claramente expõe.

- Se, em finais da década de 60, muitas tendências da produção arquitectónica insistiam na arquitectura como comunicação, nas ultimas três décadas tornou-se exponencial o reducionismo do feito arquitectónico ao VISUAL. Botey identificou esta situação: do interesse comunicativo de Venturi, ao enriquecimento do Internacional Style pelos pós-modernismos de Jencks, da cenografia bucólica de Krier e Culot até à *Strada Novissima* que explicitaria (...) os aspectos mais característicos da arquitectura produzida (...), o seu carácter cenográfico, a sua condição decorativa e a sua vontade representativa (...) ¹³. O privilégio conferido ao aspecto formal é passível e justifica generalizarmos o que refere a respeito de Boffil – (...) *formas cujo conteúdo vazio é o signo mais ameaçador do poder neste fim de século* (...). Um PODER silencioso, omnipresente e oculto, a que a arquitectura presta servidão, mediante uma produção que tem como motor as forças económicas e políticas, baseado em critérios de rentabilidade e controle, abandonando o projecto social em favor de uma epiderme desresponsabilizada politicamente, reduzida à formalização cenográfica de programas acrílicos, diluindo a sua especificidade e, talvez mesmo, arriscando a sua sobrevivência. A nosso ver, obviamente que todos estes fenómenos não são alheios à nossa condição PÓS-MODERNA. Incontornável. Bell e outros definiram-na como *repetição do movimento inaugural*, que o Moderno impusera como valor ao romper com a tradição e valorizar a novidade; o que levanta o paradoxal impasse ruptura-história, e também, claro, todos os benefícios de compreender a *modernidade em termos da sua própria tensão, identificando o*

*elemento pós-moderno na imensa variedade das suas manifestações, (...) não (...) mais pensável como uma totalidade fechada e hierarquizada*¹⁴. Apogeu da novidade mas também da diversidade e anti-hierarquia.

- Convém dizer que, apesar do exposto, vivemos perante as ESPERANÇAS pressentidas na arquitectura da passagem de século, que parece superar o interesse pela imagem e originalidade *per si*, e estar interessada em desenvolver conceitos culturais que resistam a ser uma mera imagem terrífica do capitalismo tardio. Mas ainda numa condição de transitoriedade, numa cultura mediática e de mediatização, que continua a restringir o discurso estético sobre a arquitectura a uma ideia cultural e política débil de pós-modernismo, conduzindo frequentemente a produtos e reflexões estéreis.
A-política.

* arquitecto, docente da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e autor de *Notas Sobre o Espaço da Técnica Digital*

1. T. Maldonado, *Lo Real y lo Virtual*
2. Y. Friedman, *Arquitectura Móvil*
3. M. Rosler, *In the Place of the Public*
4. I. Solà-Morales, *Liquid Architecture in Anyhow*
5. J. Beckmann in *The Virtual Dimension: Architecture, Representation and Crash Culture*
6. W. Mitchell, *City of Bits and E-topia*
7. F. Anderton e J. Chase, *Las Vegas, The Success of Excess*
8. B. Lootsma e outros (eds.), *Media and Architecture*
9. J. Beckmann in *The Virtual Dimension: Architecture, Representation and Crash Culture*
10. M. Zardini, *Pele, Muro, Facciata*
11. B. Muler in B. Lootsma e outros (eds.), *Media and architecture*
12. P. Virilio (entrevistado por A. Ruby) in *The Virtual Dimension: Architecture, Representation and Crash Culture*
13. J. Botey, *Arquitectura en el Siglo XX*
14. M. Carrilho, *Verdade, Certeza e Argumentação*